



## Materiais de ensino para surdos: produções de atividades com escrita de sinais (*signwriting*)

*Teaching materials for the deaf: production of signwriting activities*

Israel Queiroz de Lima\*  
*Universidade Federal do Acre*  
Rio Branco, Acre, Brasil

João Renato de Souza Junior\*\*  
*Universidade Federal do Acre*  
Rio Branco, Acre, Brasil

Alexandre Melo de Sousa\*\*\*  
*Universidade Federal do Acre*  
Rio Branco, Acre, Brasil

Rosane Garcia Silva\*\*\*\*  
*Universidade Federal do Acre*  
Rio Branco, Acre, Brasil

**Resumo:** As línguas de sinais, por muito tempo, foram consideradas ágrafas por não ter um sistema de escrita que pudesse registrar o conhecimento, a história e a convenção escrita de uma língua visual-espacial. Tendo em vista essa necessidade, foi desenvolvido o *SignWriting*, um sistema universal que serve para escrever e para ler em qualquer língua de sinais do mundo (BARRETO; BARRETO, 2015, p. 83). O objetivo do presente artigo é mostrar resultados alcançados na disciplina Escrita de Sinais, oferecida no Curso de Licenciatura em Letras Libras, da Universidade Federal do Acre, especificamente no ano de 2018. As atividades elaboradas pelos acadêmicos tinham como objetivo: contribuir para o ensino prático das habilidades de leitura e de escrita, por meio do sistema de escrita de sinais: *SignWriting*.

**Palavras-chave:** Escrita de Sinais. Surdos. Ensino.

---

\* Professor especialista em Libras da Universidade Federal do Acre. E-mail: israelufac@outlook.com.

\*\* Professor especialista em Libras da Universidade Federal do Acre. E-mail: ninho\_jr\_libras\_surdo@hotmail.com.

\*\*\* Doutor em Linguística pela Universidade Federal do Ceará, realizou Pós-Doutorado na Universidade Federal de Santa Catarina na área de Linguística Aplicada/Libras. Atualmente é professor associado da Universidade Federal do Acre, em nível de Graduação e Pós-Graduação, onde desenvolve atividades de ensino, pesquisa e extensão, relacionadas à Linguística - especificamente, aos domínios da Língua Portuguesa e da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS). E-mail: alexlinguista@gmail.com.

\*\*\*\* Professora adjunta na Universidade Federal do Acre, com Doutorado em Linguística Aplicada pela Universidade Católica de Pelotas (UCPel), Mestrado pela mesma Instituição de ensino, Graduação em Licenciatura Plena Letras Português pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Atual Coordenadora do Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS-UFAC) e atual Coordenadora Institucional do Programa Residência Pedagógica da Universidade Federal do Acre. E-mail: garcia.rosane@gmail.com.

**Abstract:** Signal languages, for a long time, were considered unprinted because they did not have a writing system that could record the knowledge, history, and written convention of a visual-spatial language. In view of this need, SignWriting was developed, a universal system for writing and reading in any sign language of the world (BARRETO; BARRETO, 2015, p. 83). The objective of this article is to show results achieved in the discipline of Sign Writing, offered in the Libras Degree Course of the Federal University of Acre, specifically in the year 2018. The activities developed by the academics had as objective: to contribute to the practical teaching of the reading and writing skills, through the signwriting system: SignWriting.

**Keywords:** SignWriting. Deaf. Teaching

## 1 INTRODUÇÃO

Quando o assunto é educação de surdos no Brasil, muitos temas podem ser considerados relevantes: metodologia de ensino de língua portuguesa na modalidade escrita para surdos, formação adequada de professores da Educação Básica na área específica de educação para surdos (Libras e Cultura Surda), formação de professores bilíngues (para surdos e ouvintes, de forma inicial e continuada), formação de tradutores e de intérpretes de Libras/Português e a falta de conhecimento e pouco uso da habilidade de escrita de sinais e de materiais didático-pedagógicos para o ensino de escrita de sinais – este último nos interessa de perto.

Independente do enfoque, deve-se levar em consideração alguns marcos legais que contribuíram, de forma direta e indireta, para a educação de surdos no Brasil. Dentre eles, merece relevo o Plano Nacional de Educação (PNE), de 2010 a 2020, construído por representantes do governo, da sociedade civil e da educação de surdos como: Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES, Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos – FENEIS, Associações de Surdos, no território nacional. O referido documento garante, para pessoas com e sem deficiência, com transtornos e com altas habilidades, nos diferentes níveis de ensino, observando à risca as diretrizes e as estratégias de ações e de metas do PNE, direitos educacionais primordiais para a efetiva formação de sujeitos com condições para o exercício da cidadania.

No que diz respeito à educação de surdos, esse documento faz referência às lideranças que envolvem a comunidade surda juntamente com gestores públicos para garantir a elaboração e a efetivação da política linguística para surdos.

w) Garantir que a formulação e a execução da política linguística sejam realizadas com a participação dos/as educadores/as surdos/as e demais lideranças, professores/ as, tradutores/as-intérpretes de Libras e comunidades surdas, para que junto com o/a gestor/a público/a possam elaborar propostas que respondam às necessidades, interesses e projetos dessa comunidade (PNE, 2014, p. 135).

Fica claro, portanto, que pessoas que não conhecem a educação de surdos não devem pensar sozinhas em políticas linguísticas ou em políticas públicas sem ter a participação de educadores surdos e ouvintes conhecedores da área.

Nesse sentido, o presente trabalho surgiu a partir de um contexto de necessidade de materiais que abordem o ensino de escrita de sinais, por haver pouca literatura que trate do assunto. Nosso objetivo é mostrar resultados alcançados na disciplina Escrita de Sinais, oferecida no Curso de Licenciatura em Letras Libras, da Universidade Federal do Acre, especificamente no ano de 2018. As atividades elaboradas pelos acadêmicos tinham como objetivo: contribuir para o ensino prático das habilidades de leitura e de escrita, por meio do sistema de escrita de sinais, do inglês *SignWriting*.

O presente trabalho está organizado em três seções. A primeira seção aborda um panorama geral do reconhecimento da Libras e de sua estrutura como língua natural; em seguida, na segunda seção, será discutida a escrita de sinais (*SignWriting*); e, por fim, na terceira seção, serão tratadas as produções de escrita de sinais e o relato da experiência docente.

## 2 LIBRAS: LÍNGUA NATURAL DOS SURDOS BRASILEIROS

A Língua Brasileira de Sinais – Libras é oficialmente reconhecida como língua das comunidades surdas do Brasil por meio da Lei N° 10.436/2002 e é regulamentada pelo Decreto 5626/2005, que apresenta as diretrizes que dão garantias ao povo surdo em vários aspectos (DECRETO 5.626/2005).

Ao analisar esses dois marcos legais, percebe-se a importância da Libras no contexto social e educacional do povo surdo brasileiro, pois, a partir dessa legalização, houve, também, a valorização e o reconhecimento profissional de professores surdos e ouvintes, de professores bilíngue, de tradutores e de intérpretes de Libras/Português e, portanto, o surgimento e a difusão do curso de Letras Libras pelo país.

É muito comum ao perguntar “quem é o sujeito surdo?” Obter-se a resposta “é aquele que não ouve ou aquele que tem uma limitação auditiva”. Para tanto, o Decreto 5.626/2005 apresenta um olhar não do ponto de vista clínico, e sim do ponto de vista antropológico em relação ao sujeito surdo. De acordo com o Cap. I, Art. 2º, do referido decreto,

[...] considera-se pessoa surda aquela que, por ter perda auditiva, compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura principalmente pelo uso da Língua Brasileira de Sinais – Libras (DECRETO 5.626/2005).

É imprescindível, portanto, a elucidação sobre o sujeito surdo, sobretudo no contexto de pessoas leigas e dos profissionais da área de educação de surdos que ainda não compreendem os surdos como pessoas que interagem a partir de experiências visuais e pela Língua Brasileira de Sinais.

Visto o surdo como sujeito e sabendo que a construção de sua identidade, de seus valores, de suas crenças e de suas tradições se dá por meio da língua, cabe tratar

da lei de Libras, no seu Art. 1º, parágrafo único, que evidencia o entendimento sobre o que é a Língua Brasileira de Sinais:

Entende-se como Língua Brasileira de Sinais - Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema lingüístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema lingüístico de transmissão de idéias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil (LEI Nº 10.436/2002).

A Libras, portanto, assim como qualquer língua natural, possui um sistema lingüístico e uma estrutura gramatical própria. Por exemplo, Quadros e Karnopp (2004, p. 82) explicam que a fonologia da Libras estuda as diferenças de significados por meio de pares mínimos de sinais que têm caráter distintivos.

Para as autoras, os sinais “pedra” e “queijo” possuem as mesmas orientações de palmas, os mesmos movimentos retilíneos; por sua vez, as configurações de mãos são distintas, logo, estes últimos pares mínimos são responsáveis pela mudança de significado entre os sinais.

Quanto ao aspecto morfológico de acordo com Quadros e Karnopp (2004, p. 87), para as línguas orais, palavras complexas, algumas vezes, são formadas pela adição de um prefixo ou de um sufixo a uma raiz.

É importante compreender que a morfologia das línguas orais é diferente das línguas de sinais, pois estas sofrem processos diferentes, ou seja, há formas distintas de uma língua para outra. Assim, nas línguas de sinais, “[...] essas formas resultam frequentemente de processos não-concatenativos em que uma raiz é enriquecida com vários movimentos e contornos no espaço de sinalização” (QUADROS; KARNOPP, 2004).

Diante disso, deve-se observar os vários movimentos aplicados ao léxico ou às classes de palavras, nesse caso, a classe dos nomes/substantivos, na Libras. O sinal “casa”, por exemplo, no singular, não possui movimentos repetitivos; entretanto, já o sinal “casa+”, no plural, sofre o processo de repetição de movimento da mão ativa em relação à mão base, dando a ideia de morfema preso.

Quando se trata da sintaxe, segundo Quadros e Karnopp (2004, p. 127), a organização espacial da Libras, assim como na Língua de Sinais Americana, *American sign language* (ASL), apresenta a possibilidade de estabelecer relações gramaticais no espaço, através de diferentes formas, ou seja, por vários mecanismos.

Felipe (2008, p. 21) faz uma contextualização, de forma bem sucinta, dos aspectos semânticos, pragmáticos e morfossintáticos.

No nível sintático, esta palavra pode se combinar com outras para formar a frase, que precisa ter um sentido e coerência com o significado das palavras em um contexto, o que corresponde aos níveis semântico (significado) e pragmático (sentido no contexto: onde está sendo usada) respectivamente. Assim o nível semântico permeia o morfossintático (FELIPE, 2008).

Nesse sentido, o parâmetro expressões não-manuais, que estão nos movimentos da face, dos olhos, da cabeça e do tronco, são muito importantes na

construção semântica e pragmática durante o processo de formação do significado (semântica) e do local referencial (pragmática).

Os princípios linguísticos universais ocorrem em todas as línguas humanas, tanto nas orais quanto nas de sinais, portanto, há semelhanças comuns em relação às suas estruturas, apesar de haver diferenças entre as línguas.

### 3 A ESCRITA DE SINAIS (*SignWriting*)

As línguas de sinais, por muito tempo, foram consideradas ágrafas por não ter um sistema de escrita que pudesse registrar o conhecimento, a história e a convenção escrita de uma língua visual-espacial. Dessa forma, “não houve um desenvolvimento natural de qualquer tipo de escrita para as línguas de sinais... por uma ou outra razão as comunidades surdas estiveram satisfeitas apenas com sua comunicação face a face” (BARRETO; BARRETO, 2015, p. 56).

Tendo em vista essa necessidade, foi desenvolvido o *SignWriting*, um sistema universal que serve para escrever e para ler em qualquer língua de sinais do mundo (BARRETO; BARRETO, 2015, p. 83).

Um grande número de sistemas de escritas pelo mundo é arbitrário, fundamentados, somente, em acordos sociais convencionados para representar os fonemas. No entanto, no caso da escrita de sinais, de acordo com Barreto e Barreto (2015), o *SignWriting* é uma escrita de *Traços Não Arbitrários*.

O *SignWriting* é uma escrita visual direta e uma solução completa para escrever as Línguas de Sinais. Cada grafema desta escrita representa diretamente um fonema das Línguas de Sinais e nos mostra como ele é realizado (BARRETO; BARRETO, 2015, p. 76).

Para os autores, por mais que o *SignWriting* seja visualmente icônico, essa escrita não representa uma unidade fixa, e sim a visuoespacialidade das línguas de sinais por meio de seus parâmetros fonológicos, a saber: configuração de mão; ponto de articulação; movimentos; orientação de palma; e expressão facial/corporal.

Por ser uma escrita icônica, há uma má interpretação do sistema de escrita de sinais por algumas pessoas, as quais afirmam, equivocadamente, que este sistema representa apenas desenhos.

Por não estarem acostumadas a escritas de Traços Não Arbitrários, muitas pessoas se confundem chamando a Escrita de Sinais (*SignWriting*) de desenho. Desenhos são traços realizados para representar a realidade ou a imaginação.

Se fôssemos chamar os grafemas da Escrita de Sinais ou os sinais escritos de desenhos, teríamos também que dizer que as palavras grafadas <água>, <cachorro>, etc. e as letras <a>, <b>, <c> e todos os demais grafemas das Línguas Orais também são desenhos. Mas não os classificamos assim. O registro gráfico de uma língua é denominado de *escrita* (BARRETO; BARRETO, 2015, p. 78).

As características das línguas de sinais são preservadas nesse sistema de escrita, o qual possibilita a leitura e a escrita em qualquer gênero textual.

### 3.1 O sistema de escrita de sinais no Brasil (Libras)

Os estudos do sistema de escrita de sinais da Língua Brasileira de Sinais (Libras) tiveram início a partir das pesquisas do Prof. Dr. Antônio Carlos da Rocha Costa, na década de 90, mais especificamente no ano de 1996, na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS), quando foi criado um grupo de trabalho que durou de 1996 a 2006. O projeto foi financiado pelo CNPQ/ProTeM, pela Financiadora de Inovação e Pesquisa (FINEP), pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Rio Grande do Sul (FAPERGS) e pela Universidade Católica de Pelotas (UCPel) (cf. BARRETO; BARRETO, 2015, p. 97).

Participaram, também, do grupo de trabalho, as doutoras e pesquisadoras Márcia de Borba e Marianne Stumpf – quanto a esta última, as pesquisas têm como foco crianças surdas que estão se apropriando do sistema de escrita de sinais de sua língua materna.

As pesquisas de Stumpf (2005) têm demonstrado que a Escrita de Sinais ajuda a desenvolver a percepção do surdo quanto à Língua de Sinais de seu país. As experiências da autora no ensino da ELS no Brasil e na França evidenciam que as crianças se apropriam com muita facilidade do sistema e que, desde as primeiras aulas, escrevem sinais em sua língua materna sem passar pela escrita da Língua Oral (BARRETO; BARRETO, 2015, p. 88).

Alguns trabalhos têm sido desenvolvidos sobre a temática da escrita de sinais. Podemos citar:

- a) Wanderley (2012) que se propõe identificar os elementos “que constituem a compreensão e a produção dos textos em escrita de sinais. A pesquisadora realizou seus estudos com alunos surdos da educação básica e do nível superior. Em seu estudo, foram identificados importantes elementos que contribuem para a metodologia lúdica de ensino de escrita de sinais.
- b) Wanderley (2015), agora, sistematiza os resultados da pesquisa anterior, e apresenta proposta metodológica para o ensino lúdico da escrita de sinais.
- c) Luchi e Stumpf (2018) apresentam “potencialidades de uso da escrita de sinais no ensino da linguística da língua de sinais”, seja como língua materna, seja como segunda língua; e ainda como elemento imprescindível na formação de tradutores.
- d) Wanderley, Luchi e Stumpf (2018) apresentam um panorama geral dos sistemas de escrita, com ênfase nos sistemas de escritas de sinais.

Com base nas pesquisas apresentadas, desenvolvemos atividades com escrita de sinais (*SignWriting*) no desenvolvimento das aulas de Escrita de Sinais, na Universidade Federal do Acre, em Rio Branco, como descreveremos a seguir.

#### 4 PRODUÇÕES DE ATIVIDADES COM ESCRITA DE SINAIS: RELATO DE EXPERIÊNCIA

As atividades aqui descritas foram desenvolvidas por acadêmicos do Curso de Licenciatura em Letras Libras, da UFAC, no segundo semestre de 2018, na disciplina Escrita de Sinais II.

Antes da produção propriamente dita, os acadêmicos tiveram aulas de escrita de sinais com intervalos para produções das atividades com orientações sobre: a) a formação de grupos; como os projetos serão desenvolvidos; b) as habilidades a serem desenvolvidas com base na temática escolhida pelos acadêmicos; c) o desenvolvimento do passo a passo das atividades; e d) orientações ortográficas e gramaticais no plano de apresentação das produções de atividades.

Os acadêmicos foram divididos em duplas e trios, de modo a totalizar dez grupos, cada um com uma temática: (Placas de trânsito, A cigarra e a Formiga, Batalha Naval, Caça Palavras, Quebra-mão, Nomes de animais da fazenda, Calendário, Jogo das Redes Sociais, Jogo das Cores, Cancan, todos em escrita de sinais). Neste trabalho, no entanto, serão apresentadas somente cinco atividades didático-pedagógicas em escrita de sinais, como descreveremos a seguir.

Figura 1: Placas de trânsito em Escrita de Sinais



Fonte: Material produzido pelos acadêmicos do Curso de Letras Libras (UFAC), na disciplina Escrita de Sinais II.

A atividade didático-pedagógica “Placas de trânsito em Escrita de Sinais” tem o objetivo de aprofundar o nível de leitura em Escrita de Sinais por alunos(as) surdos(as) sinalizadores. Essas placas estão todas sinalizadas com a grafia da ELS, assim, o aluno(a) surdo(a) poderá fazer a leitura direta da escrita da Libras.

A atividade consiste em fazer com que o(a) aluno(a) surdo(a) pegue um carrinho de brinquedo e obedeça às placas de sinalização em Escrita de Sinais. Caso

ele não cumpra uma das regras de trânsito por falta de leitura, esse aluno(a) surdo(a) sofrerá uma infração do guarda de trânsito. Se o aluno(a) surdo(a) ler todas as placas verticais e horizontais, ele chegará no seu objetivo final.

A hipótese é que essa atividade surja depois de uma aula sobre o tema “trânsito”, pois, assim, quando o professor for criar seu material de ensino, facilitará o seu planejamento e a sua execução, pois se subentende que os(as) alunos(as) surdos(as) já reconhecem as regras de trânsito.

Figura 2: Fábula “A Cigarra e a Formiga” em Escrita de Sinais



Fonte: Material produzido pelos acadêmicos do Curso de Letras Libras (UFAC), na disciplina Escrita de Sinais II.

A atividade didático-pedagógica da fábula “A Cigarra e a Formiga” tem o objetivo de desenvolver a fluência na habilidade de leitura em escrita de sinais pelos alunos(as) surdos(as). Essa fábula é uma adaptação para o registro da ELS. Este texto, em ELS, levará o aluno(a) surdo(a) a ler e a produzir suas próprias adaptações ou criações de textos também por meio da ELS.

O texto em ELS será apresentado ao(à) aluno(a) surdo(a) e será dado um tempo para a sua leitura. Em seguida, o professor pedirá para que o(a) aluno(a) surdo(a) leia a fábula e narre em Libras. Caso o(a) aluno(a) surdo(a) esqueça algum sinal escrito da fábula, o professor poderá conduzir o(a) aluno(a) a lembrar o sinal escrito por meio de questionamentos a respeito dos grafemas que compõem o sinal escrito.

Figura 3: Batalha naval em Escrita de Sinais

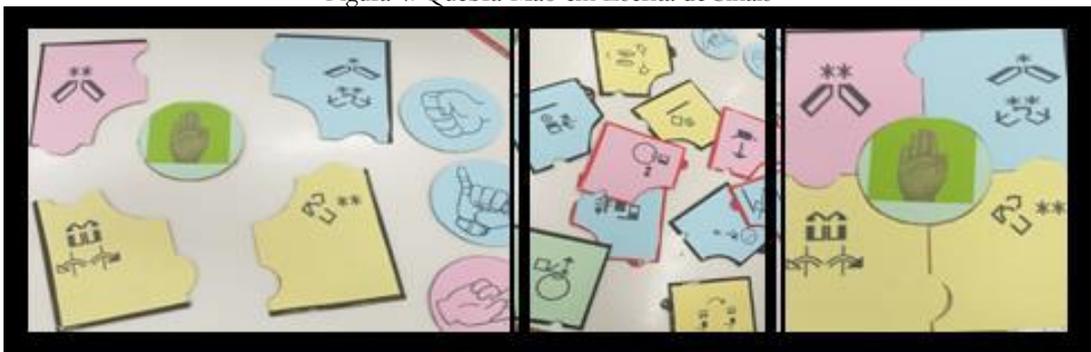


Fonte: Material produzido pelos acadêmicos do Curso de Letras Libras (UFAC), na disciplina Escrita de Sinais II.

A atividade didático-pedagógica “Batalha naval em Escrita de Sinais” tem como objetivo descobrir onde estão os barcos em ELS por meio de dois jogadores surdos; nesse caso, a ideia é encontrar os navios. Ganha quem encontrar o maior número de barcos em ELS.

O jogo será explicado em Libras pela(o) professor(a) e, em seguida, será feita uma demonstração, caso algum aluno(a) surdo(a) não conheça o jogo. Dado o início da brincadeira, as duplas surdas precisarão estar atentas ao ponto de vista da mão (frente ou chão) para que não haja um erro visual, pois é possível que o(a) jogador(a) faça confusão com os lados das mãos.

Figura 4: Quebra-Mão em Escrita de Sinais



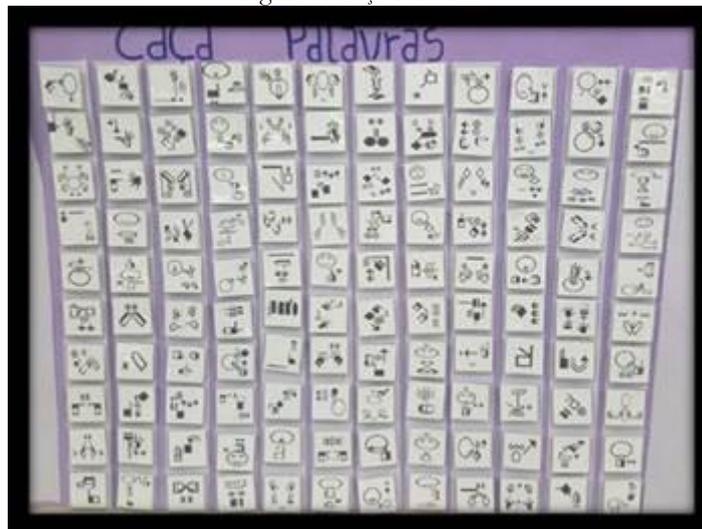
Fonte: Material produzido pelos acadêmicos do Curso de Letras Libras (UFAC), na disciplina Escrita de Sinais II.

A atividade didático-pedagógica “Quebra-Mão em Escrita de Sinais” tem como objetivo conduzir o aluno(a) surdo(a) a montar um quadro a partir da configuração de mão base apresentada aos alunos(as), tal configuração deve ser centralizada durante a montagem do Quebra-Mão.

Esta atividade faz com que os alunos se aprofundem na habilidade de leitura em escrita de sinais, pois os mesmos terão que procurar sinais escritos em meio de tantos outros sinais escritos levando e montando o quadro Quebra-Mão.

Ao termino da montagem do quadro será feita a leitura pelo aluno(a) e pelo professor(a) para identificar se a montagem do quadro Quebra-Mão está de acordo com a configuração de mão base, assim o participante fará a leitura em Libras para os demais alunos verem e mostrando ao mesmo tempo os sinais escritos do quadro.

Figura 5: Caça Palavras



Fonte: Material produzido pelos acadêmicos do Curso de Letras Libras (UFAC), na disciplina Escrita de Sinais II.

A atividade didático-pedagógica “Caça Palavras” tem como objetivo conduzir o aluno(a) a habilidade de leitura, o aluno(a) deverá ler e compreender os sinais escritos a pedido do professor.

O professor irá solicitar para que o aluno(a) surdo(a) identifique somente os substantivos no Caça Palavras... Ou será pedido para que o aluno(a) surdo(a) leia e identifique somente verbos... neste mesmo sentido pode-se pedir para que o aluno(a) identifique somente adjetivos, isso vai depender do que o professor(a) irá pedir de acordo com seu planejamento durante a execução da atividade de leitura em escrita de sinais.

Esta atividade didático-pedagógica faz com que os alunos possam se remeterem as questões gramaticais, pois como foi dito acima no Caça Palavras podem ser incluídos qualquer termo escrito tais como: substantivo, verbos no infinitivo, adjetivo, etc. esta mesma ideia pode ser contextualizada de outra forma

como expressões locais, variação linguística dependendo do nível do aluno e do que será planejado de acordo com o que se quer ensinar durante a aula planejada pelo docente.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ensino de Libras é muito importante para as crianças, para os(as) jovens e para os(as) adultos(as) surdos(as), pois ser alfabetizado(a) em Libras contribui para a prática de leitura e de escrita de sinais, tendo em vista que somente é possível ler e escrever em Libras quando se sabe falar a língua.

O Decreto Nº 5.626/2005 e a Lei de Libras Nº 10.436/2002 são instrumentos legais que tornaram a Língua Brasileira de Sinais visível do ponto de vista social, legal, político e econômico. A partir da aprovação da Lei de Libras, em 2002, houve muitos avanços linguísticos nas pesquisas da área de educação de surdos, entre outros avanços.

Quando se aprova uma lei, no caso de Libras, espera-se que essa língua seja difundida pelo país. Portanto, é responsabilidade do Poder Público promover a eliminação de barreiras na comunicação garantindo o acesso à informação e à educação por meio da língua de sinais da comunidade surda do Brasil.

O ensino do sistema escrito da língua de sinais é extremamente importante para os estudos linguísticos, pois dá possibilidades de conhecer as regras usadas e convencionadas pela comunidade surda do Brasil, de conhecer um sistema funcionalmente significativo, de observar o nível de fluência a partir desse sistema adotado pela comunidade linguística e de compreender a representação sistemática sobre a estrutura fonológica, morfológica, sintática, semântica e pragmática.

Outro ponto relevante ao se aprender uma língua é a possibilidade de conhecer os aspectos culturais do povo surdo, suas especificidades, suas tradições, seus valores, suas crenças e como essas questões implicam, de forma significativa, no modo de interagir do povo surdo.

A comunidade surda lutou pelo reconhecimento da Libras e, agora, com o uso e com a difusão da escrita da língua de sinais (mesmo o sistema de ELS sendo pouco conhecido), faz-se necessário o reconhecimento de sua escrita de forma efetiva por meio de publicações, de produções literárias, de materiais didático-pedagógicos, de produção textual em qualquer gênero textual e, principalmente, por meio de publicações acadêmico-científicas, pois quanto mais materiais forem produzidos na escrita de sinais, maior será a sua visibilidade e isso contribuirá para o reconhecimento da escrita de sinais de forma eficaz nas esferas federal, estadual e municipal.

## REFERÊNCIAS

BARRETO, M.; BARRETO, R. **Escrita de Sinais sem mistério**. Salvador: Libras Escrita, 2015.

BRASIL. Lei n. 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Brasília, DF, abril 2002.

BRASIL. **Plano Nacional de Educação** - PNE/Ministério da Educação. Brasília, DF: INEP, 2014.

FELIPE, T. A. **Libras em Contexto**: Curso básico, livro do professor instrutor. Brasília: Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos, MEC, SEESP, 7ª edição, RJ - 2008.

LUCHI, M.; STUMPF, M. R. Aspectos linguísticos da escrita de sinais. In: QUADROS, R. M.; STUMPF, M. R. (orgs). **Estudos da Língua Brasileira de Sinais IV**. Florianópolis: Editora Insular, 2018.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO – MEC. DECRETO n° 5.626 DE 22/12/2005. Regulamenta a Lei n° 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei n° 10.098, de 19 de dezembro de 2000.

QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. B. **Língua de sinais brasileira**: estudos linguísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004.

WANDERLEY, D. C. **A leitura e a escrita de sinais de forma processual e lúdica**. Curitiba: Editora Prismas, 2015.

WANDERLEY, D. C. **Aspectos da leitura e escrita de sinais**: estudos de caso com alunos surdos da educação básica e de universitários surdos e ouvintes. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, UFSC, Florianópolis, 2012.

WANDERLEY, D. C.; LUCHI, M.; STUMPF, M. R. Sistemas de notação e escrita de línguas de sinais. In: QUADROS, R. M.; STUMPF, M. R. (orgs). **Estudos da Língua Brasileira de Sinais IV**. Florianópolis: Editora Insular, 2018.

Recebido em: 28/02/2019

Aprovado em: 07/06/2019

Publicado em: 19/12/2019